

## Voltar ao Inconsciente

### I - Da repetição

É necessário voltar ao Inconsciente. É o que eu extraio do que Lacan propõe em "O engano do SsS", onde ele pergunta: "Por que tentar acalmar o que é pouco tranquilizador?"<sup>1</sup>. Como quase sempre, ele introduz um obstáculo. Desta vez, da ordem da representação, já que destaca a expressão *Rücksicht auf Darstellbarkeit*, que traduz como *enmascaramiento*<sup>\*</sup>. A conhecemos como passagem para a figurabilidade, mas já digo que não só mascara.

A criança recorre a ela em seu jogo, uma vez que "coloca em linguagem o real que, do Outro, o afeta"<sup>2</sup> e com a figurabilidade veste porque se aproxima do desvestido. Trazer "o não-representado à representação" é uma operação inaugural. Neste sentido, seria necessário enfatizar que Freud usou *Darstellen* de forma explícita quando em 1920 construiu sua teoria da repetição, e que, portanto, a associação com a repetição indica que essa figurabilidade também aponta para o não-vinculado.

Acredito que de "isso" as crianças sabem. Sem saber, eles se aproximam do gozo que o rasgo arrasta como gozo não-representado. Através de sua operação lúdica, eles se aproximam do litoral que acumula o que nunca foi satisfatório, onde "a repetição se reúne com o impulso da pulsão"<sup>3</sup> e "nos leva a perceber a direção para um outro saber"<sup>4</sup>. Esse saber foi rejeitado, mas não substituído no simbólico e é o que a repetição mostra em sua circularidade, o saber de sempre, o que "é essencial consolidar para a exploração do inconsciente"<sup>5</sup>.

Assim, a repetição aponta para o ato em algo que também aponta para a cadeira do analista, não por culpa, mas, prefiro dizer assim, porque lá está sua prova: a extensão da clínica em sua intenção. Sim. Trata-se da prova como passagem de um saber para o outro, onde o discurso montado na repetição procura a virada que determina o analista na dobradiça de sua posição entre letra e significante. Assim, tendo destacado até agora da representação o não-representado do que a repetição se encarrega como saber no real, será necessário retomar a ideia de que haveria certo *enmascaramiento*. Entendo que, ao

---

<sup>\*</sup>No espanhol seria "colocar máscaras", ocultar, cobrir alguma coisa

traduzi-lo assim, mais uma vez, ele se dirige a nós para destacar o que em nossa prática se estabelece como obstáculo e nos impede de voltar ao inconsciente nessa passagem de um saber não sabido a outro insabido. Segundo minha leitura, diria que o *enmascaramiento* do qual ele fala seria a chave que faz o inconsciente "empalidecer" e se esses dois termos são congruentes com o que Lacan mesmo intitula como o engano do sujeito suposto saber, será imprescindível dar um passo adiante.

## II - Da sublimação

A maneira como entendemos a sublimação é solidária com a maneira como, a partir de nossa prática, abordamos o inconsciente.

A sublimação, sempre fugidia ... não apenas para Freud, mas também para Lacan e até para nós, merece um olhar mais atento. Há pelo menos dois ângulos da sublimação que devem ser distinguidos, como creio que sua lição nos oferece nos seminários XIV e XVI.

No escrito mencionado anteriormente, Lacan formula uma reivindicação: "devemos ouvir o que é dito sem que o sujeito se represente"<sup>6</sup>. Diria que é aí que nossa prática nos interroga de maneira particular sobre a sublimação. Por quê? Porque Lacan a responsabilizou pela subjetivação do sujeito, sendo, portanto, a condição do ato. Agora, será necessário distinguir, no dismantelamento da pulsão ao objeto de satisfação, já que esta última é o trilho pelo qual o Seminário XIV passa. A repetição da satisfação em seu excesso encontrará sua resposta no "Número de Ouro" como instalação da lógica, na qual a sublimação será a operação que permitirá a subjetivação da satisfação. Se olharmos de perto este seminário, vemos que ele se corresponde com o assento do sujeito representado por um significante para outro e, nesse sentido, trata-se da lógica como confrontação entre significante e objeto *a*.

Mas, no entanto, ocorre que no seminário XVI, Lacan propõe uma mudança em que formula que "é necessário situar a sublimação no nível do objeto *a*"<sup>7</sup>. Como pensar esse caminho de

perspetiva? Diria que ao longo do seminário XIV, a sublimação volta cada vez ao *a* como resto que a castração joga como operação significante. Cada vez subjetiva a satisfação porque opera sobre a falta. Apreciaremos que, ao ser situada ao nível do objeto, a sublimação opera sobre a falta de saber. Não se trata senão da confrontação do *a* com o gozo não-representado, que sublinha a falta, mas em sua borda da escrita.

Por que Lacan apela para a história freudiana do caldeirão? O que merece sua inclusão nesse pequeno escrito posterior à "Lógica do Fantasma" e ao "Ato Psicanalítico"?

É que o *enmascaramiento* que faz empalidecer o inconsciente encontra, de alguma forma, nessa história certa resposta que me animo a propor com base no que se nos diz que nessa história "se adicionam representações"<sup>8</sup>. São argumentos falsos que distraem e esquivam o que do saber faz verdade desde a corda do real. Mas não se trata apenas de representações acumuladas no discurso, mas da carência do psicanalista que se refugiou na onipotência do SSS, quando na verdade se trata da equivocação do SSS, do falido, onde "o psicanalista deve encontrar a certeza de seu ato e a lacuna que constitui sua lei"<sup>9</sup>. Poderíamos dizer que de certa forma ele perdeu a lacuna da qual seu ato depende.

Isso significa que a repetição com seu ruído oferece a orografia do real, mas pode ser ignorada pela captura de um falso saber se o analista não oferecer, por sua vez, o ato que, como tal, responde à sublimação que guarda a lacuna onde o não-nascido espera aproximando o nó do ininterpretável.

O grupo de Klein do seminário XIV retorna ao grafo, mas para subvertê-lo, para enfiar a lógica do fantasma afetando os dois termos que constituem com ele o losango de sua estrutura.

Como eu entendo, o que chamo de falso saber ou caldeirização do saber nos permite perceber que esse pequeno escrito nos ensina sobre o desfalecimento momentâneo da lógica do fantasma.

Aprendemos que o objeto *a* é a montaria do sujeito, mas nem sempre consideramos que a sublimação como nervo do ato é responsável pela subjetivação do sujeito, já que esculpe seu assento cada vez.

É o psicanalista, em sua posição de objeto *a* como causa, que protege o losango da lógica inerente ao discurso que o concerne. Recebe o gozo que a alienação acua nos esconderijos do fantasma, o gozo que a repetição mostra e oferece sempre que pode à sublimação com a qual o gozo à letra é recortado uma e outra vez.

Em última análise, o psicanalista é agente de sublimação sem desconhecer o fracasso de sua operação.

#### Bibliografia

-Jacques Lacan, "Outros Escritos", O Equívoco do Sujeito Suposto Saber (1,6,8,9)

-Cristina Marrone, O Jogo: Uma Dívida da Psicanálise (2)

-Cristina Marrone, Jogo e Repetição (3,4)

-Jacques Lacan, Seminário XVII, "Ou Piere" (5)

-Jacques Lacan, Seminário XV, Aula 13 (7)

